



Dona Aracilda
(com a foto
da irmã
Anoema) e as
filhas Elizete e
Regina

Em busca de um rosto

José do Amaral de Lima nasceu em 1961, 16 anos após a morte de Anoema da Costa Lima, em 1945. Filho do segundo casamento de Archemimo Ribeiro de Lima, com Aracy Maria do Amaral de Lima, José pouco recorda da história da meia-irmã. Tinha apenas 10 anos quando o pai morreu, em 1972, mas lembra de seu Archemimo contando vagamente o episódio:

– Ele comentava apenas que uma irmã minha tinha morrido na explosão da Gazola, na época da guerra. Naquele tempo não se dava detalhes desses assuntos para as crianças. Era conversa de adulto.

Foi através de seu José, no entanto, que chegamos a duas personagens fundamentais na montagem de todo esse quebra-cabeça. Únicas duas irmãs vivas de Anoema da Costa Lima, Alzira da Costa Lima Schiavo, 85 anos, e Aracilda da Costa Lima Piazza, 88, eram não mais que adolescentes em 1943. Por vezes, são traídas pela memória, mas a lembrança do “horror” da Gazola ainda está lá, intacta. Principalmente para Aracilda.

Nascida em 1929, dona Aracilda tinha 14 anos quando a fábrica explodiu. Morava com os pais e irmãos em uma chácara na esquina das ruas Vinte de Setembro e Humberto de Campos, próximo ao Parque da Imprensa. Lembra que, após ouvirem o estrondo naquela manhã, os pais correram até a então recém-inaugurada BR-116 para saber de Anoema. A filha, porém, só foi identificada no Hospital Pompéia. A mãe, Maria Rita, reconheceu-a por um pedaço do casaco: o rosto estava tomado de fuligem e queimaduras.

– Raspam a cabeça por causa dos ferimentos, daí ela passou a usar uma espécie de turbante. Os médicos tiravam os pedacinhos (*estilhaços de ferro*) da cabeça dela um por um – conta.

Dona Aracilda recebeu a reportagem na companhia dos filhos Luiz Eduardo Lima Piazza, Regina Lima Piazza e Elizete Piazza Adami. Todos, em algum momento da vida, ouviram da mãe a história da tia morta na explosão da Gazola. E alguns

detalhes lembrados por dona Aracilda no último domingo jogaram ainda mais luzes sobre a saga de Anoema.

– Ela era noiva de um soldado chamado Eugênio. Foi ele quem conseguiu o emprego para ela na fábrica da Gazola. Depois do acidente, ele foi lutar na guerra e nunca mais se teve notícia. Deve ter morrido na Itália – revela.

Aracilda não foi ao enterro da irmã, em 14 de janeiro de 1945, no Cemitério Público Municipal. Mas confirma que o corpo de Anoema foi depositado na terra, antes de os restos mortais serem transferidos para o atual jazigo:

– Foi no chão mesmo, como um soldado.

Antes do contato com dona Aracilda, porém, coube a outra irmã, dona Alzira, e aos filhos Vera e Paulo a missão de tentar encontrar uma fotografia de Anoema, uma “mulher sem rosto” desde que toda essa história começou a ser apurada, em novembro de 2017. Também intermediada por seu José, a visita à casa da família, no bairro Sagrada Família, rendeu bem mais do que um longo “tricô” na cozinha.

Do interior de uma velha caixa de papelão foram surgindo imagens em preto e branco do casamento de dona Alzira com seu Bortolo Schiavo, em 1954, do pai, Archemimo, dos irmãos de Anoema, de Vera e Paulo na juventude, de penças de parentes e amigos, registros de todos os formatos, de todos os tamanhos, de todas as épocas. De Anoema, nem sinal.

Uma hora e muitas fotos reviradas depois, a “surpresa”. Uma fotografia 3x4, amarelada pelo tempo, com rasuras e marcada por um carimbo da Delegacia de Polícia repousava fora da caixa, num canto do sofá – provavelmente caída quando da abertura do relicário. Reportagem e família depararam com uma jovem alva, cabelos castanhos e levemente crespos, de semblante belo e tranquilo.

– É a minha irmã, a que morreu na explosão da Gazola – antecipou-se Alzira.

Anoema da Costa Lima não era mais “a mulher sem rosto”.



Primeira foto de Anoema foi encontrada na casa da irmã Alzira